

# ALERTA CONTRA A OMISSÃO

Fernandes Neto  
e  
Alípio R. Marcelino

Com a entrega do **Juca Pato** a Sérgio Buarque de Holanda cumpre-se, pela 18ª vez, o ritual que coroa o Concurso promovido anualmente pela UBE, para a eleição do intelectual do ano. A transferência da estatueta de **Juca Pato** das mãos de Sobral Pinto para as do autor de "Raízes do Brasil" parece uma combinação dos deuses. Sobral, o advogado libertário, o humanista clássico, ereto, vertical, vocacionado para as ações estoicas, tem sido, nas lides do Direito, a expressão mais autêntica do que Belmonte procurava manifestar através da sátira e da ironia: o juiz

dos juizes, o defensor dos fracos e oprimidos, o crítico do parlamento sem poder de decisão, dos políticos que simulam trabalhar em benefício da sociedade, o inimigo dos ditadores e das ditaduras.

Sérgio, espírito inquieto e irrequieto, por isso sempre atraído para a aventura e a descoberta de novas facetas do universo, é o arquétipo do intelectual comprometido com o seu povo, que fornece pistas, enxerga mais que nós outros, identifica os males da nossa sociedade com a sobriedade do cientista social.

Sobral é a crença no Direito e em Deus. O

asceta que vive à egide da virtude, enriquecem os seus valores, pelo sentido que imprime à vida.

Sérgio é o homem plenamente engajado na formulação do seu destino. O místico, nele, é a esperança na construção de uma sociedade em que todos tenham assento à mesa do grande banquete da vida: direito a alimentar-se todas as manhãs, e almoçar e jantar todos os dias, a enviar os filhos para a escola, não para ganhar a merenda, mas receber lições sobre o seu destino e o da coletividade a que pertence.

Belmonte veria, no ato da sucessão, **Juca**

**Pato** encarnado. Causático, ferino, mordaz, autêntico, intrépido, revoltado, aploplético, lúcido, o personagem que traduzia a insatisfação popular, na nossa sociedade de públicos que já se formava em seu tempo, usava, também, a linguagem do sociólogo, do historiador, do literato, do tribuno do povo. Não é demais lembrar que o raio de sua sátira chegou ao santuário do nazismo, provocando protestos do doutor Goebbels, o Said Farhat de Hitler.

A síntese do encontro Sobral-Sérgio chama-se **Juca Pato**.

E, nos dois, **O Escritor** homenageia todos os intelectuais brasilei-

ros tornados depositários fiéis do espírito, da coragem e da sensibilidade de **Belmonte**.

**Belmonte**, ao nascer, candidatou-se à imortalidade. A criação do **Juca Pato** asseguraria ao escritor brasileiro um ponto de referência de que nunca mais ele poderá se apartar. Aquele que pode comunicar-se com seu povo através da palavra e de qualquer manifestação artística, não pode ignorar a realidade social, ou omitir-se. Ao contrário, tem que se envolver no processo, denunciar o que é falso injusto, criminoso; enaltecer a decisão acertada, louvar os que

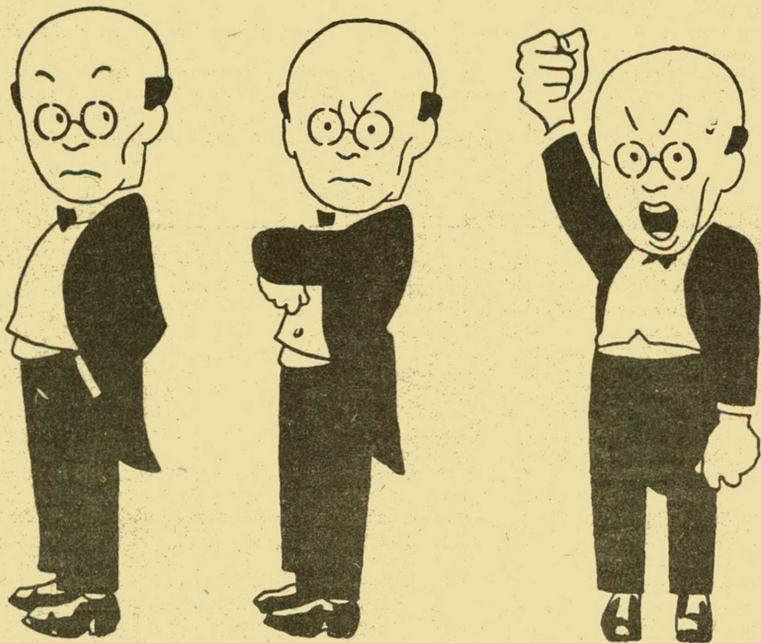
dão o testemunho de seu tempo, de sua geração e de sua época. Enfim, o escritor não pode silenciar ou acomodar-se, apoiado em temores exagerados, especulações da conveniência e, assim, juntar-se aos áulicos ou abaixar-se diante dos poderosos.

Nós, filiados à União Brasileira de Escritores, temos uma carta que é uma luminosa fonte de inspiração.

Temos nos portado de acordo com a Carta?

**Juca Pato** está presente, como um alerta permanente contra a omissão. Ele é o guardião de nossa Carta.

## SÍMBOLO DO PROTESTO



Juca Pato em três de suas atitudes clássicas. Desconfiado do rumo que as coisas tomam... Visivelmente aborrecido, e finalmente protestando.

Revista da Semana (3-3-1945).

Foi em 1961 que o escritor Marcos Rey, exercendo interinamente a presidência da UBE, criou o prêmio para o intelectual do ano. Vivia-se uma época eminentemente política. Jânio Quadros acabava de renunciar. Assumira João Goulart naquela meteórica experiência parlamentarista. De certa forma, esse clima explica porque a recomendação do prêmio é para autor de livro que tenha obtido forte repercussão no País no ano anterior, e também porque, dentre os 18 autores até agora premiados, 8 deles tenham acentuada expressão política, a começar pelo primeiro, San Tiago Dantas, em 1962.

Na ocasião, Marcos Rey me consultou sobre o nome a ser dado ao prêmio. Ora, as "Folhas" tinham prometido à UBE todo o apoio para a difusão do prêmio anualmente. Tal ligação é que me levou a lembrar o nome de Juca Pato, criação do admirável caricaturista, ilustrador e jornalista Benedito Bastos Barreto, Belmonte, que trabalhara naqueles jornais de 1921 a 47, quando morreu. Houve quem não apreciasse a escolha do "boneco" de Belmonte, achando-o ridículo, etc. Não penso assim. Dentro da caricatura nacional, é o Juca Pato a única personagem que caracterizou o protesto com grande permanência, ou seja, por mais de vinte anos. É verdade que a figura de Juca Pato não caracteriza o proletário de hoje, que é quem mais reivindica. Na década dos 20, quando Belmonte criou o Juca, o protesto visava sobretudo os mandões do PRP, época em que a força de trabalho que tinha voz era a da classe média, que começava a ser proletarizada pela desvalorização do mil-réis. O operariado era ainda pouco numeroso e só se arregimentava por ocasião de grandes greves, aliás, raras. Note-se que a pequena porção proletária que então sempre se fazia ouvir era a dos gráficos, que por dever de ofício sabia ler e escrever. Daí ser o Juca Pato — ou o zê-povinho que sempre paga o pato — configurado pela personagem de Belmonte que mais parece um funcionário público.

Assim, à parte a indumentária, pela qual é responsável o figurino da época, é o Juca Pato, sem dúvida, a voz dos inconformados, dos que têm a coragem de dizer "não" e, por extensão, dos que fazem das letras um instrumento a favor das reivindicações sociais. E é grato reconhecer que grande parte dos premiados até agora, seja como intelectuais apenas, seja como intelectuais e políticos, responde com sua atividade à recomendação prioritária da premiação, como San Tiago Dantas, Afonso Schmidt, Tristão de Athayde, Caio Prado Júnior, Jorge Amado, Cândido Mota Filho, Afonso Arinos, Juscelino Kubitschek, José Américo de Almeida e Sobral Pinto.

Mário Donato

## JUCA PATO FAZ JUSTIÇA A BELMONTE

"É um caso sério. O diabo do boneco chegou, nesse ponto, a passar-me..." A resposta de Belmonte a Silveira Peixoto, que lhe questionara sobre a popularidade do Juca, é intuitiva e profética. Ele percebia que o personagem por ele criado ultrapassara de muito o círculo em que florescera e se desenvolvera, adquirindo espaço próprio, prestígio e força que escapavam de seu controle.

Sem exagero, pode-se afirmar que Belmonte continuaria na penumbra, quase esquecido, não fora a existência de Juca Pato.

Ao instituir, em 1962, a láurea "Juca Pato", a UBE começou a fazer a justiça histórica a Belmonte, que, agora, muito oportunamente, Pietro Bardi a reclama por inteiro.

Juca Pato garante a presença de Belmonte.

### OS LAUREADOS

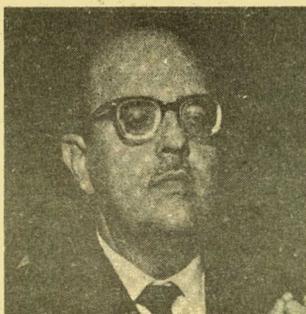
O Troféu "JUCA PATO" (Prêmio "Intelectual do Ano") começou a ser outorgado em 1962 ao Escritor Brasileiro de maior destaque na vida cultural do País.

A partir de 1962 os ganhadores foram os seguintes: San Tiago Dantas (\*), Afonso Schmidt (\*), Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde), Cassiano Ricardo (\*), Caio Prado Júnior, Érico Veríssimo (\*), Menotti del Picchia, Jorge Amado, Pedro

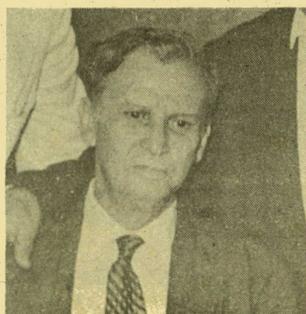
Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, Josué Montello, Cândido Mota Filho (\*), Afonso Arinos de Melo Franco, Raimundo Magalhães Junior, Juscelino Kubitschek de Oliveira (\*), José Américo de Almeida (\*), Luís da Câmara Cascudo, Heráclito Sobral Pinto e Sérgio Buarque de Holanda.

Já faleceram os premiados que estão assinalados com o asterisco.

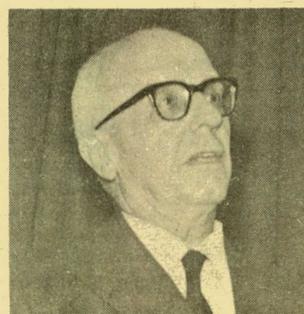
1962  
SANTIAGO DANTAS



1963  
AFONSO SCHMIDT



1964  
ALCEU AMOROSO LIMA



1965  
CASSIANO RICARDO



Quando o presidente Péricles Prade anunciou a palavra de Sérgio Buarque de Holanda, o auditório prorrompeu em demorados aplausos. Em seguida, um silêncio profundo pareceu testemunhar o apreço e o respeito dos presentes pela figura do Intelectual do Ano, que iniciaria sua oração visivelmente perturbado pela emoção. Seus olhos brilharam extraordinariamente quando se referiu à Declaração de Princípios aprovada no Congresso de Escritores em 1945 e reproduziu a declaração de José Américo, favorável à intervenção dos escritores na discussão dos problemas fundamentais do país. Esquecendo o texto, disse, com todo o vigor, olhos fixos nos presentes — em sua maioria escritores: "Hoje, quando vivemos dias muito semelhantes aos de 45, essas palavras recuperam todo o seu significado".

Por recomendação de seu médico, não pôde comparecer à festa do Juca Pato o Intelectual do Ano de 1978, o jurista Heráclito da Fontoura Sobral Pinto, que se fez representar no ato pelo seu colega Tito Lívio Cavalcante Medeiros. Assim, antes de ser dada a palavra a Sérgio Buarque de Holanda, o representante do doutor Sobral Pinto leu o discurso deste, redigido em tom coloquial, com opiniões e considerações sobre a obra de Sérgio Buarque de Holanda, detendo-se em considerações sobre "Raízes do Brasil" e "Tentativas de Mitologia".

Logo no início, diz Sobral Pinto: "Os prêmios e recompensas merecidos, não raro tardam e custam a ser outorgados. É o seu caso, sr. Sérgio Buarque de Holanda. Não acredito que, quando vieram à lume, pela primeira vez, "Raízes do Brasil", de sua autoria, pudesse ter surgido, na época, alguém que estivesse em condições de lhe disputar o título de "Intelectual do Ano". Após ressaltar aspectos de "Raízes do Brasil", lamenta o autor que Buarque de Holanda não tenha reconhecido a contribuição da Igreja de Cristo como uma das nossas raízes.

A certa altura, sublinha o grande advogado: "Entenderam, agora, membros da União Brasileira de Escritores que um intelectual de seu porte e valor não podia deixar de receber, com todo o mérito, o "Troféu Juca Pato". Aproveitaram, acertadamente, a oportunidade da publicação de "Tentativas de Mitologia", ocorrida em 1979 para lhe conferir, com inteira justiça, o título de "O Intelectual do Ano".

## JUCA PATO: DE SOBRAL PARA SÉRGIO



Outro orador foi o escritor Francisco Rangel Pestana, representante da **Folha de São Paulo**, que patrocina o concurso. "Não sendo um galardão pecuniário, tornou-se, talvez pelo seu simbolismo, o mais disputado prêmio intelectual brasileiro", frisou Pestana, ao traçar um perfil de Belmonte e caracterizar Juca Pato. E concluiu:

"Cumprindo, portanto, o seu paraninfado, aqui está novamente a **Folha de São Paulo**, em consonância com as suas tradições de órgão apegado à cultura e aos interesses nacionais, para acompanhar a entrega deste troféu ao escritor Sérgio Buarque de Holanda.

Como todos os demais contemplados, levará o eminente Intelectual do Ano de 1979 não só mais este reconhecimento aos seus admirados méritos, porém e principalmente a esperança que todos depositamos nos expoentes da cultura brasileira, a confiança que neles repousa, para a contribuição destinada ao debate e o esclarecimento das idéias, com descortino e ação, no crucial momento que o país atravessa, em busca do seu destino".

### A SOLENIIDADE

Amigos e familiares de Sérgio Buarque de Holanda, ocuparam as primeiras filas do auditório da UBE. Membros da Academia Paulista de Letras, professores universitários, intelectuais galardoados com o Juca Pato eram vistos entre os presentes, que lotaram todas as dependências da casa.

O presidente Péricles Prade, ao abrir a sessão, pôs em relevo a importância do Juca Pato no mundo intelectual brasileiro e anunciou que a entidade está reformulando o Regulamento do concurso, com vistas à ampliação do seu colégio eleitoral. Integraram a mesa as seguintes personalidades: Francisco Rangel Pestana, representante da **Folha de São Paulo**; o secretário de Cultura do Município, Mario Chamie; Eduardo Monteiro da Silva, representante do secretário de Cultura do Estado; D. Romualdo Gorjon Vallejo, representante do Cardeal de São Paulo; o acadêmico Hernâni Donato, representante do Conselho Estadual de Cultura; Luiz Falanga, representante da Associação Paulista de Imprensa; Pedro Brasil Bandechi, representante da Academia Paulista de Letras; e Abgvar Bastos, 1º Vice-Presidente da UBE.

# SÉRGIO: OS DIAS DE HOJE LEMBRAM OS DE 1945

"Em carta de 10 de junho último, confirmou-me Sua Excelência o Doutor Sobral Pinto a grata notícia de que o teríamos hoje conosco nesta casa. Ou, para repetir os próprios termos da carta: "... Se Deus quiser, em 16 de julho, dia de Nossa Senhora do Carmo". Altamente honrosa para a União Brasileira de Escritores, sua presença aqui me toca muito particularmente. Há alguns meses vi-me despertado, certa manhã, por um telegrama onde um amigo me felicitava pela vitória no concurso Juca Pato, anualmente distribuído pela UBE em cooperação com a **Folha de S. Paulo**. Pelo regulamento do prêmio, sua entrega, em princípio, pelo vencedor do ano antecedente, no caso o Dr. Sobral Pinto, o "Intelectual do Ano de 1979". A notícia era prematura, mas as palavras publicadas prestavam-se a confusões, de onde o engano. Contudo, mal começaram a divulgar-se os resultados parciais das apurações, mantinha-se meu nome na dianteira, e assim foi até o final.

Tenho uma aguda consciência de minhas limitações pessoais como escritor, e confesso aqui, sem modéstia fingida, que hoje, na idade a que cheguei, o ato e o hábito de escrever me vão fugindo cada vez mais. Faltam-me

agora a presteza e, não direi a facilidade de antigamente, porque esta nunca a tive, mas a boa disposição para, começado um trabalho novo, conduzi-lo até o fim. Se tento fazê-lo, sinto-me inibido por mil hesitações quanto ao interesse que possa ter o trabalho para o eventual público, e acabo por abandoná-lo ao meio, passando a ocupação menos penosa. Por isso mesmo, meus últimos livros impressos, a começar por **Tentativas de Mitologia**, que, segundo ouço dizer, deu lugar ao prêmio, são velhas criaturas vestidas de roupa nova.

Como terá sido possível que meu nome houvesse sido indicado para o **Juca Pato**, sujeito a discussões, onde seriam convenientemente pesados os prós e os contras, como costuma ocorrer em casos tais, e nada chegasse ao meu conhecimento? Pois é geralmente sabido que os oficiais de nosso ofício de escrever são uma tribo afeita à garrulice, tanto quanto ao inconformismo fácil. De onde vem que me tenho perguntado, às vezes, se aqueles espadins inseparáveis dos verdes fardões, que adotam várias associações de letrados, não seriam como um emblema de pugnacidades ancestrais, que o rolar dos séculos não devorou.

A verdade, entretanto, é que nós, os da UBE, embora tenhamos tido nossos dissídios, alimentamos ambições menos vistosas. Homens de boa vontade e boa fé; sabemos como os assuntos que nos reúnem para juntos pensar, dizer, debater, publicar, zelar pelos nossos direitos, não são exatamente daqueles que levam às glórias imortais. Não vou negar, com isso, que nunca passamos por momentos gloriosos. Para não ir mais longe, estou pensando naquela memorável **Declaração de Princípios** que a Associação Brasileira de Escritores, ou seja, esta mesma UBE, nesta mesma cidade de São Paulo, formulou em seu 1º Congresso, reunido em 1945, por volta de 25 de janeiro, dia de São Paulo. Naquele momento não havia divergências: lida no Teatro Municipal, a declaração foi unanimemente aplaudida, como numa apoteose, pois exprimia o pensamento íntimo de todos. E era gente vinda dos mais vários quadrantes do país, movida por um mesmo fervor. A ditadura tudo fizera para ver abafada a voz dos escritores do Brasil. O desafio lançado abateu porém todas as barreiras. O texto logo se tornou conhecido, apesar da implacável censura que reinava, e que um jornal, não se sabe como, conseguiu "furar".

Nem nos faltou a repercussão internacional, expressa no manifesto de solidariedade firmado, entre outros, por nomes da estatura de Alberto Einstein e Thomas Mann.

Um mês depois publicava-se no Rio de Janeiro a entrevista-bomba em que um dos candidatos presidenciais sacrificados pelo golpe de 1937, derrubou a censura à imprensa. Nesse documento, logo às primeiras linhas, o entrevistado invoca textualmente as decisões do Pri-

meiro Congresso de Escritores Brasileiros reunido em São Paulo. E dizia José Américo: "Todos devem intervir na vida pública segundo sublinhou a Declaração de Princípios dos Escritores. Por isso mesmo saio do retratamento em que me tenho mantido para manifestar minha opinião em relação aos problemas fundamentais do país".

Hoje, quando vivemos dias muito semelhantes aos de 45, essas palavras recuperam

todo o seu significado. Devemos tê-las em mente sobre tudo porque se acha aqui ao nosso lado quem pode avaliá-las em todas as suas conseqüências. Sobral Pinto, que se bateu constantemente pelas mais nobres causas, é hoje um dos maiores brasileiros, graças à sua dignidade, sua bravura, seu exemplar espírito público. E para mim um privilégio o poder saudá-lo ao mesmo tempo em que me felicito pela sua solicitude generosa. Muito obrigado a todos".

## OBRAS DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA

Natural de São Paulo e filho de Cristóvam Buarque de Holanda e Heloisa G. Buarque de Holanda, o escritor Sérgio Buarque de Holanda tem uma obra vasta e variada, constituída de ensaios e algumas traduções como segue: **Raízes do Brasil**, RJ, 1ª. ed., 1936 — Vol. nº 1 da Coleção Documentos Brasileiros (então dirigida por Gilberto Freyre) e 9ª. ed., 1976. Traduzida para o espanhol por Ernestina de Champourcin com o título de **Raíces del Brasil** (Ed. Fondo de Cultura Económica), México-Buenos Aires, maio de 1955; e para o italiano, **Alle Radici del Brasile**, Milão-Roma, 1954. **Cobra de Vidro**, SP, Ed. Martins, 1944. **História do Brasil** (em colaboração com Otávio Tarquínio de Sousa), RJ, Ed. José Olympio, 1944. **Monções**, RJ, 1945. **A Expansão Paulista do Século XVI**,

SP, 1948. **Índios e Mamelucos na Expansão Paulista**, SP, 1949. **Le Brésil dans la Vie Américaine**, in "Le Nouveau Monde et l'Europe" — IXes. Rencontres Internationales de Genève, Neuchatel, 1955. **Caminhos e Fronteiras**, RJ, Ed. José Olympio, 1957. **Visão do Paraiso. Os Motivos Edenicos no Descobrimto e Colonização do Brasil**, RJ, Ed. José Olympio, 1959. **História Geral da Civilização Brasileira** (direção). I Vol., **A Época Colonial: do Descobrimto à Expansão Territorial**, SP, 1960, 1963; II Vol., **Administração. Economia. Sociedade**, SP, 1960; III Vol., **O Brasil Monárquico. O Processo da Emancipação**, SP, 1962, 1966; IV Vol., **O Brasil Monárquico: Dispersão e Unidade**, SP, 1964; V Vol., **O Brasil Monárquico: Reações e Transações**, SP, 1967. Difusão

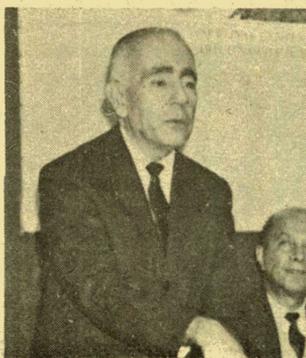
Européia do Livro. **Brasil-Império** in Tres Lecciones Inaugurales, Buarque, Romano, Savelle), Santiago do Chile, 1963. **História do Brasil** — 1. **Das Origens à Independência**. 2. **Da Independência aos Nossos Dias**. Para a área de Estudos Sociais, Ensino de 1º grau. (De colaboração com Carla de Queiroz, Sílvia Barbosa Ferraz e Virgílio Noya Pinto. Assessoria de Laima Mesgravis). São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1972-1974. **Tentativas de Mitologia**, ensaios, SP, Ed. Perspectiva, 1979.

Sérgio Buarque de Holanda é responsável também pelas seguintes traduções: **Memórias de Um Colono no Brasil**, de Thomas Davatz, SP, 1941 e 1950; e **Etnologia Sul-Americana: Círculos Culturais e Extratos Culturais na América do Sul**, SP, 1952.

1966  
CAIO PRADO JUNIOR



1967  
ERICO VERÍSSIMO



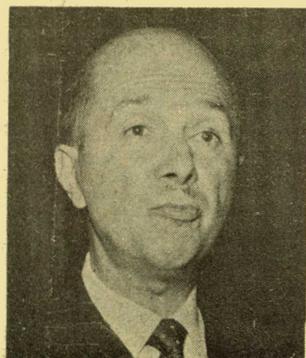
1968  
MENOTTI DEL PICCHIA



1969  
JORGE AMADO



1970  
OLIVEIRA RIBEIRO NETO



1971  
JOSUÉ MONTELLO

